



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANA ISADORA MENEGUETTI

**GANGUES TRANSNACIONAIS NA AMÉRICA DO SUL: ANÁLISE DA
EXPANSÃO DO PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL PARA O PARAGUAI**

JOÃO PESSOA
2022

ANA ISADORA MENEGUETTI

**GANGUES TRANSNACIONAIS NA AMÉRICA DO SUL: ANÁLISE DA
EXPANSÃO DO PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL PARA O PARAGUAI¹**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharela em Relações Internacionais pela
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof^a Dr^a Marcos Alan S. V.
Ferreira

JOÃO PESSOA
2022

¹ Essa pesquisa foi financiada pela bolsa do CNPq de iniciação científica, N°PIE97-2018.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M541g Meneguetti, Ana Isadora.

Gangues transnacionais na América do Sul: análise da expansão do Primeiro Comando da Capital para o Paraguai / Ana Isadora Meneguetti. - João Pessoa, 2022.
34 f.

Orientação: Marcos Alan S. V. Ferreira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Relações Internacionais. 2. Violência na América do Sul. 3. Gangues transnacionais. 4. Estudos para paz. 5. Crime organizado. 6. Primeiro Comando da Capital (PCC). I. Ferreira, Marcos Alan S V. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

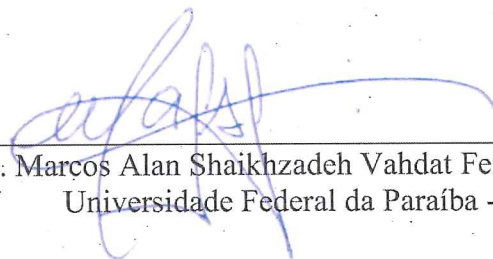
ANA ISADORA MENEGUETTI

**GANGUES TRANSNACIONAIS NA AMÉRICA DO SUL:
ANÁLISE DA EXPANSÃO DO PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL
PARA O PARAGUAI**

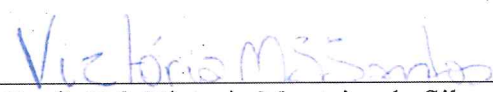
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais do Centro
de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como requisito parcial para obtenção do grau
de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 12 de dezembro de 2022.

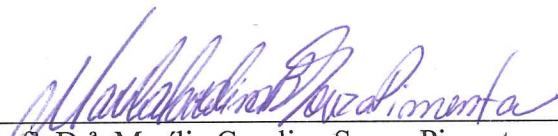
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Profª. Drª. Victoria Monteiro da Silva Santos
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro



Profª. Drª. Marília Carolina Souza Pimenta
Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo a todas mulheres que antes de mim tornaram essa trajetória possível para tantas outras. A universidade mesmo sendo berço de conhecimento, pesquisa e partilha ainda é reflexo da nossa sociedade racista, machista e patriarcal. Agradeço a todas mulheres que antes de mim existiram e resistiram para que tantas outras tivessem as mesmas oportunidades. Para que nossa permanência, mesmo que dificultosa e cheia de obstáculos fosse possível em mais um espaço majoritariamente branco e masculino. Por isso, agradeço especificamente a todas minhas companheiras que compõe o Fórum de Mulheres em Luta da UFPB, que diante de casos de assédio, violência institucional e tantos outros absurdos permanecem atentas e fortes. Agradeço também ao antigo coletivo Empoderi e hoje Laboratório de Mulheres (LABMUA) pelo afínco em tornar os estudos e debates de gênero uma realidade na graduação de Relações Internacionais. Aqui, agradeço especificamente minhas amigas e parceiras de luta, Agnes, Izabele, Nathalia e Néria, por sempre estarem presentes e firmes nessa jornada. A persistência para sermos ouvidas e respeitadas é constante. Reivindicar nosso espaço nunca foi uma escolha, sempre foi uma necessidade. Enquanto mulher e pessoa com deficiência sei quão hostil ambientes como a universidade podem ser para nossos corpos e nossas histórias, mas tenho esperança de que continuaremos lutando para que esse espaço se torne cada vez mais uma realidade para muitos, sempre em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade.

Durante minha graduação enfrentamos um desgoverno, políticas de genocídio, uma pandemia e em nosso berço um interventor. Mesmo diante de eleições diretas com representantes escolhidas pela comunidade acadêmica acabamos sem reitores eleitos, o que temos é um interventor bolsonarista que se recusa a sair do trono. A UFPB encontra-se nas mãos de um interventor que censura politicamente seus estudantes, estimula atos transfóbicos e tem a guarda mais violenta já vista na UFPB. Nesse triste cenário, agradeço aos meus companheiros de movimento estudantil que nunca se calaram. Sempre entenderam que a luta e as responsabilidades são coletivas.

Para finalizar agradeço ao meu orientador Marcos Alan pela oportunidade de pesquisa e apoio em diversos momentos durante esses anos. Agradeço a todos professores do curso de Relações Internacionais pelo afínco no ensino, especialmente para Mojana e Daniel que persistem na defesa dessa universidade com unhas e dentes. Agradeço também a minha família pela oportunidade de estudo e apoio constante. E agradeço especificamente a minha mãe que me ensinou a nunca me calar em nenhum cenário, que me ensinou desde pequena

que minha voz pode carregar muitas outras. Encerro esse ciclo lembrando a frase do nosso futuro presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva “Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera”.

GANGUES TRANSNACIONAIS NA AMÉRICA DO SUL: ANÁLISE DA EXPANSÃO DO PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL PARA O PARAGUAI

Ana Isadora Meneguetti²

Marcos Alan S. V. Ferreira³

RESUMO

O presente artigo apresenta o caso de uma gangue que altera a realidade da paz social em esferas democráticas. Em particular, o propõe-se a compreender e analisar o caso do Primeiro Comando da Capital (PCC) e seu papel na expansão da violência na América do Sul. Logo, buscou-se entender como a estruturação da gangue é formada e possibilita sua forte atuação transfronteiriça, especificamente no Paraguai entre 2015 à 2022. O método utilizado é a pesquisa qualitativa pela triangulação de dados oficiais da justiça brasileira, entrevistas e revisão de literatura especializada. Desde sua criação, em 1993, e principalmente, após suas transformações durante os anos 2000, o PCC demonstra uma organização ímpar que afeta as estruturas estatais e sociais no campo da segurança pública. A expansão do grupo é uma demonstração das falhas existentes no sistema prisional brasileiro, como superlotação, condições precárias de saúde e violações de direitos humanos. Ainda, temos a negligência do Estado em áreas urbanas e rurais com recursos materiais limitados. Como consequência, o PCC se expande ultrapassando os muros prisionais e alcançando fronteiras, tornando-se uma organização altamente profissionalizada e complexa.

PALAVRAS CHAVE: 1. Estudos para Paz 2. Crime Organizado 3. Gangues 4. Primeiro Comando da Capital

².Pesquisadora Associada – Grupo de Estudos sobre Paz, Ética e Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba (GEPERI-UFPB), Brasil. E-mail: isameneguettiri@gmail.com

³Professor Associado - Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. Coordenador do Centro de Estudos sobre Paz, Ética e Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.. E-mail: marcosalan@gmail.com

ABSTRACT

This article analyzes the Primeiro Comando da Capital (First Command of the Capital, or PCC) as a transnational gang in expansion to South America. In particular, it shows how the structure of the gang enables its strong cross-border performance, specifically in Paraguay since the 2010s. The article uses triangulated data from official documents obtained from Brazilian judicial agencies, expert analysis and interviews. Since its beginning in 1993, and mainly after its transformations during the 2000s, the PCC has demonstrated a unique organization that affects state and social structures in the field of public security. The expansion of the group is a demonstration of existing flaws in the Brazilian prison system, such as overcrowding, poor health conditions, and human rights violations, as well as the absence of the state in urban and rural areas with limited material resources. Consequently, the PCC has overcome prison walls to reach borders and other countries, and has become a highly professionalized and complex organization managing drug trafficking in South America.

KEYWORDS: 1. Gangs 2. Organized Crime 3. Peace Studies 4. Primeiro Comando da Capital; Brazil 4. Paraguay

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	METODOLOGIA	9
3.	VIOLÊNCIA E GANGUES: UMA BREVE ANÁLISE À LUZ DOS ESTUDOS PARA PAZ	10
4.	RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO	14
4.1.	Estrutura e funcionamento do PCC	14
4.2.	Internacionalização do PCC: para além dos muros brasileiros, rumo ao controle do Paraguai	20
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO: a violência no Brasil contemporâneo.

A América do Sul é uma região sem conflitos interestatais há vinte e cinco anos. A última disputa ocorrida na região foi em 1995 entre Peru e Equador, em um conflito por território conhecida como “Guerra de Cenepa” (BIATO, 2020). Ainda assim, esta é uma das zonas mais violentas do mundo. Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em parceria com o Instituto Igarapé, a região abarca 39% dos homicídios ocorridos no mundo (ALVARADO e MUGAHH, 2018). A compreensão de que a ausência da paz só existe e se reverbera em situações de guerras exclui diferentes níveis de violência social que são vivenciadas na região (LISSARDY, 2019). Logo, examinar a atuação de facções criminosas, suas motivações e consequências na paz social mostra-se como uma saída frente às abordagens estatocêntricas. Ainda, tal análise pode explicar formas de perpetuação da violência, como visto em território latino-americano.

De acordo com o anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) de 2019, o Brasil é um dos países onde a polícia mais mata e, consequentemente, mais morre (MISSE *et al*, 2013). De acordo com uma pesquisa apresentada pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos deputados em 2018, no Brasil, a população negra - equivalente a 53,63 % dos habitantes - é assassinada todos os dias. Existe um conflito ocorrendo no Brasil e o sistema carcerário excludente e deficiente hoje é uma de suas consequências.

Enxergar o sistema carcerário brasileiro, assim como seus transbordamentos, é fundamental para que se compreenda as relações existentes na sociedade. O encarceramento em massa, principalmente das jovens e dos jovens negros de poucos recursos materiais, desemboca substancialmente em um assassinato em massa, além de crescimento das organizações criminosas. O Conselho Nacional de Justiça contabiliza que tenham mais de 800 mil pessoas presas no Brasil (GLOBO, 2019). De acordo com a pesquisa realizada em 2017, 67% da população carcerária é negra, enquanto brancos contabilizam 32% (NEXO, 2017). A superlotação e as circunstâncias de insalubridade são recorrentes nesse cenário (GLOBO, 2019). O frequente uso da violência policial fomenta o medo e a revolta, refletindo diretamente no fortalecimento ideologias coletivas que substanciam o crescimento de grupos criminosos (DIAS e DARKE, 2015).

Neste contexto, não se surpreende a formação de gangues como consequência direta desse

processo de formação de desigualdades e violências (MANSO, 2019). Como resposta às violências policiais e estatais, em 1993, um ano após o massacre de Carandiru, surge o Primeiro Comando da Capital (PCC). Nascido no presídio de Taubaté, o grupo identifica-se como uma denúncia às autoridades frente às violações de direitos humanos vivenciadas nas prisões. Os irmãos, como se denominam, apontam que o inimigo não são os outros presos, mas sim o sistema. Entretanto, como aponta Ferreira (2019), o grupo surge como uma resposta às atrocidades e violações de direitos humanos cometidas pelo Estado, contudo o uso da violência perpetua-se como funcionamento da irmandade.

Durante suas transformações, o PCC tornou-se uma das maiores organizações do narcotráfico na região, fato que expande o poder do grupo e fortalece suas relações comerciais com grupos criminosos e intermediários de outros países, como no transporte de drogas advindas da Bolívia e do Peru pela fronteira Brasil-Paraguai (BBC, 2020). Logo, os desafios que a organização traz para a construção da paz na região sulamericana são notáveis.

Assim, o presente trabalho busca compreender o que possibilita a expansão do PCC para além das fronteiras e como se deu sua atuação transfronteiriça. Para tanto, o trabalho é dividido em três seções. Em um primeiro momento, conceitua-se a ideia de gangues à luz do caso brasileiro, dialogando com a ideia de violência de Johan Galtung. Essa conceituação é necessária para que se compreenda como atores não estatais violentos, nas quais as gangues são um tipo, fomentam o ciclo da violência, principalmente por meio de complexas organizações criminosas. Em um segundo momento, apresenta-se a estrutura do PCC, para em seguida compreender o que possibilita sua expansão para além dos muros prisionais. Por fim, na terceira parte, estuda-se o processo de internacionalização do grupo, analisando a atuação do PCC no Paraguai de 2015 até 2022.

2. METODOLOGIA

A base metodológica deste artigo é a pesquisa qualitativa. Devido a dificuldade de pesquisar Segurança Pública e Criminalidade, a triangulação de dados - fundamentada em documentos oficiais, jornalísticos e acadêmicos - mostra-se como instrumento adequado para dar credibilidade a um estudo sobre uma temática com limitações impostas por perigo aos pesquisadores ou informações oficiais (SALKIND, 2010).

Dessa forma, na fase inicial da pesquisa, focou-se na revisão de literatura sobre gangues e violência, revisitando conceitos e estudos de Johan Galtung (1969, 1990), John Sullivan (2002, 2018), Robert Bunker (2002), John Hagedorn (2005) e Celinda Franco (2007). De forma complementar, analisou-se as gangues enquanto atores sociais que perpetuam e fomentam o ciclo da violência, corroborando com a discussão de atores não estatais violentos levantada por Phil Williams (2008). Nesse momento, resgata-se uma base teórico conceitual que possibilite uma análise crítica da existência e funcionamento do objeto de pesquisa – a expansão do PCC.

Assim, buscou-se uma leitura sobre a formação histórica e estrutural para entender seu processo de expansão do PCC, assim como os desdobramentos e transformações da gangue. Para tanto, realizou-se um exame de dados jornalísticos de repórteres premiados que acompanham há anos as atividades da gangue - como Josmar Jozino, Flávio Costa e Luís Adorno - além de uma leitura e revisão bibliográfica de autores referências sobre o PCC, tais como Bruno Manso, Camila Dias Nunes e Gabriel Feltran. Outro ponto nodal para a pesquisa foi entender a atuação do PCC no país vizinho, Paraguai. Para isto, utilizou-se fontes primárias como base documental, especificamente inquéritos policiais obtidos junto ao Ministério Público de São Paulo. Nesses inquéritos são encontradas denúncias relativas aos crimes cometidos pelos membros da gangue por meio de mensagens e ligações telefônicas. Ainda, manuscritos feitos pelos integrantes que foram recolhidos pela polícia e anexados à operação também serviram de base documental para o estudo.

Triangulamos as informações acima com aquelas pesquisadas e disponibilizadas por observatórios de pesquisa sobre violência na América do Sul como o Instituto Igarapé e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Finalmente, complementando as informações, conduzimos entrevistas com jornalistas que trabalham de forma direta com questões do PCC, o que possibilitou uma maior visualização das potencialidades da gangue e suas expansões.

3. VIOLÊNCIA E GANGUES: uma breve análise à luz dos Estudos para Paz

Um fator essencial, para compreender as disposições e as estruturas da sociedade, é entender como a violência permeia esse meio e como ela se estrutura. Johan Galtung, dimensiona a violência como um elemento tripartite, dispondo os conceitos em um triângulo (RAMSBOTHAM et al, 2005; GALTUNG, 1990). Em suas vértices estão a violência

estrutural, cultural e direta. O autor pontua que elas não atuam individualmente, mas sim de maneira complementar. Uma fortalece e legitima a outra (GALTUNG, 1990).

A violência estrutural é explicada pela forma desigual que as estruturas política, social e econômica são postas. Um exemplo aplicado por Galtung é a violência massificada que sofrem as mulheres (GALTUNG, 1969). O feminicídio não é um ato de violência isolado a um único indivíduo, mas sim a um gênero específico. Dessa forma, Galtung (1969) aponta que se apenas um marido agredisse sua esposa, tornar-se-ia uma violência pessoal, contudo a forma massiva e estrutural que fomentam essas múltiplas agressões tem uma raiz na estrutura social da sociedade. Outra possível exemplificação de violência estrutural levantada pelo autor é a comparação da expectativa de vida de populações de baixa renda e populações de alta renda. Nota-se, novamente, uma injustiça social não provocada por um indivíduo, mas sim por uma estrutura econômica, centrada no modelo de produção capitalista (GALTUNG, 1969).

O termo violência direta representa a violência entendida como física, o ato de machucar ou ferir algo e/ou alguém materialmente. Já a violência cultural é elucidada por Galtung pelos recursos simbólicos que legitimam o uso da violência direta e estrutural. O autor a exemplifica como religiões, bandeiras, artes e discursos que naturalizam o uso da violência e a torna “menos” agressiva, ou pelo menos mais tolerável (GALTUNG, 1990). Ao destrinchar como a ideologia é uma ferramenta simbólica de violência, o autor menciona que o nacionalismo pode tornar-se um discurso e uma postura que justifique a violência estatal contra grupos ou povos marginalizados; o autor aponta ainda a proibição do aborto como uma forma de autoritarismo por parte do Estado.

Para ilustrar a violência tripartite, Galtung (1990) explica brevemente o racismo dentro dessa análise, sem se aprofundar na densidade da temática. O autor identifica que o racismo é consequência de uma violência estrutural histórica de “superioridade” branca - mais detalhada pelo autor pelo espaço que os brancos ocupavam socialmente e economicamente, por exemplo durante o período escravocrata -, que gera uma reprodução massiva de simbolismos racistas que desembocam em uma violência direta o genocídio da população negra. É notável como a presença dos três níveis de violência afetam a realidade latinoamericana. A estrutura social desigual e assimétrica é sentida tanto na violência direta - apenas realizando o questionamento de quem mais morre de forma violenta nessa região -, quanto nos níveis mais imateriais como na parcela da população explorada com condições precárias de trabalho, que simboliza a

violência estrutural. Ocorre um processo de “internalização da cultura” que fomenta uma alienação cultural (GALTUNG, 1990, p. 293), naturaliza-se e legitima-se práticas violentas que vão desde a aceitação da morte das pessoas negras, indígenas e de baixa renda, até as políticas de austeridade que fomentam ainda mais a exclusão social.

Esse cenário cria um ambiente propício para o crescimento de grupos que buscam suprir as necessidades mais elementares de sobrevivência diante da violência. Com a ausência do Estado nas regiões mais periféricas, o vácuo de poder possibilita o fortalecimento de atores não estatais, que muitas vezes utilizam-se da violência para alcançar uma justiça paralela. São nesses momentos que, emerge o papel central das gangues.

A discussão em torno do surgimento e do fortalecimento de grupos violentos é multifacetada, mas invariavelmente se relaciona às questões de desigualdade social (FRANCO, 2007). Como fruto de uma sociedade capitalista, grupos marginalizados buscam modos para se reinventar e se sustentar enquanto indivíduos. Observa-se que cidades com alto grau de opressão, seja racial ou econômica, favorecem a reprodução e crescimento de gangues (HAGEDORN, 2005). Desse modo, as gangues são uma resposta a marginalização sócio-econômica (HAGEDORN, 2005), somadas à naturalização histórica da violência vivenciada em países como o Brasil (SCHEPER-HUGUES, 2015; SCHWARZ, 2019).

Dessa forma, o mercado de drogas mostra-se como uma saída econômica e política para grupos marginalizados. Para seu funcionamento a violência é posta como uma ferramenta de execução (BATISTA, BURGOS, 2008), ou seja, a violência torna-se uma “ferramenta de trabalho”. Como explana Mendez (2019), ações violentas transformam-se em *commodities*, que são comercializadas como bens de serviço por membros de facções. Em contrapartida, é fundamental ressaltar que a violência não é necessária para a estruturação e a efetuação de atividades ilícitas, todavia na economia informal derivada do tráfico ilegal de drogas, as atividades e regulamentações pacíficas são falhas, e, para fortalecimento e sobrevivência nesse meio, a violência torna-se um produto essencial (HAGEDORN, 2005). Assim, entender o papel atribuído a violência no mundo do crime é compreender táticas e estratégias de alcance de objetivos e manutenção de poder (HAUK, PETERKE, 2010).

O vácuo de poder existente em áreas marginalizadas, causado pela negligência estatal nessas regiões potencializa a formação de gangues (HAGEDORN, 2005). O modo que esses grupos se espalham e se estruturam os tornam atores sociais, substituindo grupos e/ou setores que

antes ocupavam esse espaço, e desempenham papéis importantes para o funcionamento social (HAGEDORN, 2005). Nesse momento, cria-se campo para que grupos criminosos exerçam ações de governança alternativa (LESSING, 2020). Assim, como elucida Jaspers “o crime organizado substitui um governo ausente” (2018, p. 417, tradução nossa), como faz o próprio Primeiro Comando da Capital em regiões pobres através da imposição e controle de normas sociais (FELTRAN, 2020).

Um ponto nodal nessa discussão é entender a importância do sistema carcerário na criação e no fortalecimento de gangues. Sullivan (2008) descreve as prisões como escolas do crime, uma vez que nesse ambiente diversas gangues e ideologias se cruzam, refinando habilidades e cooptando novos membros. Além disso, funciona também como uma rede de alinhamento de diferentes grupos criminosos, como também desenvolvido por Skarbek (2011).

Isto posto, muitos pesquisadores apontam características comuns que permeiam e definem gangues. Hagedorn (2005) em sua pesquisa engloba essas características e, de forma sucinta, as apresenta com três aspectos: i. possuir uma organização complexa e adaptável a diferentes situações adversas (o autor exemplifica com casos de repressão policial, também é possível ilustrar com situações de perda de membros e ataques por outras gangues); ii. atender serviços sociais de sua comunidade; e iii. possuir regras e ideologias próprias.

A primeira geração de gangues é a mais tradicional. Baseia-se na defesa de seu território e se caracteriza por lideranças frágeis. Possuem pequeno domínio espacial, como bairros ou celas e convergem suas atividades para proteção do território (SULLIVAN, 2008). Os grupos alocados na segunda geração se destacam pelo foco nos negócios, em especial o tráfico de droga. Suas atividades estão atreladas ao crescimento de vendas e controle de concorrência (SULLIVAN, BUNKER, 2002). Podem trabalhar para além de suas cidades e estados federados, podendo até avançar para negócios internacionais e possuem tendências a uma hierarquia centralizada de organização (SULLIVAN, BUNKER, , 2002). A terceira geração é mais sofisticada e uma de suas principais características é o desenvolvimento de objetivos políticos. Possuem uma organização mais complexa e uma maior aquisição financeira. Um dos pontos principais é sua área de atuação, que ocorre de forma nacional e internacional (FRANCO, 2007). Gangues de segunda ou de terceira geração podem ser classificadas como transnacionais e tornam-se ameaças aos sistemas públicos de segurança (SULLIVAN, BUNKER, 2002).

Dado isso, a discussão e conceituação de gangues transnacionais é fundamental para

construção desse artigo. Para tanto, Sullivan (2008) e Franco (2007) descrevem quatro características que definem o que torna uma gangue transnacional. No que tange seu território de atuação, a atividade criminal precisa ocorrer em mais de um país, ou seja, existir práticas de atividades ilícitas que transpasse fronteiras. Organização, planejamento e execução são guiados por membros alocados em diferentes países. Possuir adaptabilidade e capacidade de atuação em novas áreas e regiões, além de contar com uma organização sofisticada. Para adentrar territórios, gangues transnacionais contam com indivíduos ou grupos locais, usufruindo da corrupção e fortalecimento do mercado ilegal, seja por meio de funcionários corruptos ou por trocas de produtos - como a troca de drogas por armamentos (SULLIVAN, BUNKER, 2002). Assim, expandem seus mercados e atividades, ultrapassando territórios nacionais.

Vale salientar que a globalização impulsionou o crescimento das atividades ilícitas, o que provoca uma fortificação dos grupos por trás dessas atividades ilegais (WILLIAMS, 2008). Da mesma forma que a globalização e os avanços tecnológicos facilitam o comércio legal transfronteiriço, a lógica se expande para atividade ilícitas, as quais fortalecem uma rede internacional de colaboração de organizações criminosas (ZABYELINA, 2009). Assim, as gangues transnacionais buscam alcançar maiores lucros, para isso expandem seus mercados, ultrapassando barreiras nacionais e se configurando como um ator não-estatal violento (WILLIAMS, 2008).

Feito este repasse conceitual, na seção a seguir almejamos entender a atuação de uma das maiores facções criminosas sulamericanas, o Primeiro Comando da Capital. O grupo em questão é apontado por autoridades como uma organização criminosa transnacional (MPSP, 2017). Seu papel enquanto facção é reforçado ao analisar a existência de aplicação de uma *justiça paralela*, que se afasta e toma o papel do Estado na resolução de conflitos, além de controlar os presídios nacionais, principalmente nos estados que é hegemônico como acontece no estado de São Paulo e do Paraná (MPSP, 2017). De acordo com Batista e Burgos (2008), termos brasileiros designados para o PCC, como “facção”, “quadrilha” ou “movimento”, são correlatos ao conceito de gangues.

4. RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES

4.1 Estrutura e funcionamento do PCC

Compreender o surgimento e a estrutura do Primeiro Comando da Capital é um ponto nodal

para entender sua expansão. O PCC surge em 1993, um ano após o massacre de Carandiru, na Casa de Custódia Taubaté-SP, todavia somente em 2006 a estrutura que é conhecida hoje ganha corpo (MPSP, 2017). O lema “Paz, Justiça e Liberdade” acompanha a trajetória do grupo desde seu início e representa, em tese, sua finalidade. A gangue surge como uma resposta à opressão policial e ao sistema prisional. “A união na luta contra as injustiças e a opressão dentro da prisão”, retirada do terceiro artigo do próprio Estatuto da Facção (JOZINO, 2017, p. 27), é um trecho que demonstra uma denúncia às condições precárias dos presídios nacionais. Conquanto, na trajetória de combate a violência, a organização a perpetua como modo de funcionamento em suas múltiplas vertentes, seja ela direta, estrutural e cultural (FERREIRA, 2019).

Durante o histórico de crescimento e transformações do grupo, o PCC é criticado por reduzir seu papel de “*Sindicato*” do crime para se tornar um dos maiores líderes do narcotráfico na região sulamericana (MANSO;DIAS; 2018). Como aponta Sterling (2009), , “*criminal syndicates go where money is*” (STERLING apud ZABYELINA, 2009, p.19), reforçando a ideia anterior de que grupos criminosos tem como fundamento prioritário a busca pelo lucro e não demandas político-sociais.

A organização possui um conjunto de regras e normas que funcionam como guia de atividades e comportamentos para seus integrantes e simpatizantes que fortalecem o poder político do grupo (DIAS, DARKE, 2015). A “ética do crime” existe antes mesmo da formação do PCC, contudo, com a criação de documentos escritos que regulam o que é “andar pelo certo”, propaga-se uma ideologia e pressupostos coletivos da irmandade (MANSO, DIAS, 2018). A proibição do uso de *crack* nas prisões dominadas pelo PCC é um exemplo de como ocorre um processo regulador, como uma espécie de lei estatuída pela gangue. Respeitar o Estatuto e os “salves” é essencial para o fortalecimento e pertencimento, caso algum membro descumpra o documento pode ser expulso da gangue (ADORNO,COSTA, 2018).

Com o desenvolvimento do grupo agrega-se ao lema a palavra “Igualdade”, buscando diminuir a personificação de lideranças rumo a uma estrutura mais horizontalizada (DIAS, DARKE, 2015). A ascensão de Carlos Herbas Camacho (Marcola) enquanto liderança intensificou esse processo, não se finda as hierarquias do grupo, mas ocorre um processo de descentralização para institucionalização do grupo (FERREIRA, GOLÇALVES, 2022). Ou seja, para fortalecer

o esquema de funcionamento das células do PCC e diminuir a hierarquização de posições, ocorre um fracionamento de posições e suas respectivas responsabilidades de forma ainda mais concreta.

Dentro dessa divisão existem algumas bases principais de organização de sintonias, apresentando o caráter sofisticado de organização da gangue. Na ordem hierárquica, posições podem ser assumidas pelos *irmãos* da gangue conforme seu nível de engajamento e conhecimento de atividades criminosas. Entra aqui também o respeito mútuo entre os detentos, que ganha força conforme o *irmão* é capaz de conduzir atividades complexas como roubo de carros-fortes e tráfico internacional de drogas. É considerado *irmão* um membro que já realizou o processo chamado de Batismo, que funciona como um cadastro de entrada para a facção criminosa (FELTRAN, 2018, 2020). De acordo com inquéritos do Ministério Público de São Paulo, os Sintonias Finais assumem um poder mais elevado na gangue, na qual nessa delegação há poder decisório amplo sobre todo território de atuação do PCC, que expande-se para os 26 estados da federação – 3 deles com hegemonia nos presídios, como Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul - e para países vizinhos como Paraguai, Bolívia e Peru (MPSP, 2017; FELTRAN, 2018; FERREIRA 2019). Para demonstrar o quantitativo da gangue nesses estados, calcula-se que 90% das prisões de São Paulo são comandadas pelo PCC (MANSO;DIAS, 2017, FERREIRA; GONÇALVES, 2022).

O Ministério Público de São Paulo, em uma de suas operações sobre criminalidade, mapeou a estrutura do PCC, que corroboram outros estudos sobre a estrutura do grupo (MANSO, DIAS,2018; LESSING,2020). *A Sintonia Geral Final*, por exemplo, representa a cúpula final, espaço de poder decisório máximo. *O Apoio da Sintonia Final Geral* é composta por detentos da Penitenciária II de Presidente Venceslau que fornecem apoio nas funções da *Sintonia Final* (MPSP, 2017; MANSO, DIAS, 2018).

A atuação do Resumo funciona como um monitoramento de assuntos de uma região composta por mais de um estado da federação Os últimos dados de investigações policiais em 2018 apontam que o PCC divide o Brasil em quatro territórios dominados: Resumo dos Estados do Norte, comandado pelo líder “Confusão”, preso em Santo André (SP); Resumo dos Estados Centrais, comandado por "Thiaguinho ou Robinho"; Resumo dos Estados do Nordeste, liderado pelo membro “vulgo Gilmar”; e Resumo dos Estados do Sul e MS, sob o comando de

“Kaíke”, preso em Presidente Venceslau (PÉREZ, 2018). Estes indivíduos coordenam sua região em particular, com o apoio dos chamados *Geral* ou *Disciplina*, como explicaremos posteriormente. Fora das prisões temos o ponteiro. Além de coordenar a comunicação entre a cúpula e os negócios ilícitos fora dos presídios, uma de suas principais atribuições é o poder decisório sobre o julgamento de indivíduos feitos pelo grupo, por meio dos *Tribunais do Crime*.

Já a posição de *Geral* é responsável pelo funcionamento da irmandade em determinada região ou presídio, conectados com os resumos. Podem ser sintonias estaduais ou locais, por exemplo *Geral do Ceará* ou *Geral da Capital*, e são organizadas de acordo com a necessidade da gangue. A posição do *Disciplina* lida com assuntos de uma sub-região de uma cidade, de um bairro ou até mesmo de uma quebrada. Dessa forma, é notável a importância da distribuição de posições das *Sintonias* do PCC por meio da territorialidade, fato que fortalece as atividades do grupo em cada região (MPSP, 2017). O *Geral de um Estado* deve se comunicar com o resumo, em seguida voltando-se ao *Geral dos Estados e Países* que por sua vez responde a *Sintonia Final*. Assim, de acordo com o Estatuto do PCC (terceira geração), cada posição representa uma fase hierárquica, os cargos não são fixos e geralmente demonstram o tempo que integra o grupo (FELTRAN, 2018). Para o cadastro e filiação de novos membros e monitoramentos de membros ativos - mudança de codinomes e funções - existe a *Geral do Cadastros*.

Não obstante, na cúpula superior, temos outros desdobramentos. A *Sintonia Geral de Outros Estados e Países* trabalha de forma similar à *Sintonia Geral Final*, são responsáveis pelo monitoramento de todos os estados da federação com exceção do São Paulo. Além disso, são responsáveis pela deliberação de *missões* decisivas nessas regiões, dando ordens aos resumos (MPSP, 2017). Há também sintonias ainda mais específicas, como é o caso da *Sintonia dos Gravatas*, que exerce a função de gerenciamento dos advogados da gangue. Outro exemplo é a *Sintonia do Progresso* que se responsabiliza com o tráfico de drogas, juntamente com o *Geral do Progresso*.

Para atuação do PCC no que refere-se às finanças, existe a *Sintonia do Financeiro*, que é responsável por organizar todo dinheiro da organização. É a partir de seu comando que se subdivide as fontes de arrecadação. O *Geral do Progresso* controla e organiza o tráfico de

drogas, considerado a maior fonte de arrecadação do grupo. Ainda mais específico, há o *Geral do Progresso FM*, que fiscaliza os pontos de venda de droga dentro do estado de São Paulo e também o *Geral do Progresso 100% interno*, que realiza a mesma função todavia sobre a comercialização de drogas dentro dos presídios.

Outra tarefa importante para o setor financeiro é o *Geral da Cebola*. A *cebola* opera como uma taxa de mensalidade da gangue e auxilia nos custos de funcionamento, os custos variam para detentos e filiados que estão em liberdade - podem oscilar de R\$100 até R\$950 (MANSO, DIAS, 2018). O *Geral da Rifa* possui a atribuição de administrar as rifas, que são organizadas por cada estado, sua compra é obrigatória para os irmãos. Em relação a presença das mulheres na organização, há uma *Sintonia Geral Feminina* que trata especificamente da relação das mulheres no PCC. Essa sintonia agrega todas as funções das demais sintonias, entretanto diz a respeito somente às mulheres da gangue.

A radiografia da organização apresentada por Bruno Manso e Camila Dias (2018) e Benjamin Lessing (2020, p. 11) facilita o entendimento sobre o modo de funcionamento e disposição das fases hierárquicas dos cargos e funções. Após compreender alguns dos cargos existentes na gangue, é de suma importância evidenciar os pormenores de seu funcionamento. Dessa forma, evidencia-se que ao se firmar enquanto governança para os “irmãos”, o PCC ultrapassa os muros prisionais e ultrapassa suas regras e códigos para além dos presídios de São Paulo, alcançando outros estados e países (FERREIRA, GONÇALVES, 2022).

Em relação a comunicação dos integrantes, telefonemas, cartas e aplicativos de comunicação são comumente usados. Afirma-se que mesmo dentro dos presídios os presos não encontram dificuldade no manuseio de aparelhos telefônicos, principalmente por corrupção de servidores públicos (MPSP, 2017). Outra forma amplamente usada é a comunicação por meio de terceiros, principalmente pelos advogados - gravatas - do PCC ou por visitas íntimas.

Uma forma de comunicação entre membros da gangue conhecida pelo Ministério Público de São Paulo são cartas, também chamadas de manuscritos. Para dificultar a instrução legal, as cartas percorrem um caminho chamado de “impressora”. É um recado escrito por membros de alta posição - geralmente membros da *Sintonia Final* -, que para impossibilitar a identificação da grafia original, é reescrito por um membro que exerça função de “impressora”, o qual

escreve o mesmo conteúdo apenas para prejudicar investigações e confundir autoridades. Após essa etapa, a carta é encaminhada para uma “ponte”, indivíduo em liberdade que possui a função de visitar algum detento com a finalidade de levar a carta em questão.

Outro aspecto fundamental do grupo é seu ofício de “governança alternativa”. Compreendendo as falhas estatais, principalmente nas periferias, o PCC surge como uma “justiça paralela”, “oferecendo serviços e fornecendo bens coletivos que o Estado não pode ou não quer oferecer e fornecer” (Williams, 2008: 6). É uma discussão extensa, a nível de conhecimento especula-se que um dos principais motivadores é evitar a entrada de policiais em discussões que “podem” ser resolvidas por integrantes da própria gangue (MPSP, 2017). Não obstante, isto se conecta também com os vínculos de confiança construídos entre os membros do PCC e os moradores de áreas carentes, já que muitos de seus membros foram criados nestas áreas. A legitimidade do PCC é construída a partir da construção de regimes normativos que regulam aspectos da vida social em áreas carentes (FELTRAN, 2020).

Em entrevista, Luís Adorno⁴ aponta que entender a forma repressiva que polícia chega nas *quebradas* do país também é essencial. A violência policial reforça o poder simbólico do PCC, que denuncia essa opressão e garante serviços e assistências básicas para filiados da gangue (DIAS, DARKE, 2015). É possível, deste modo, reforçar o papel de exercido pela gangue: o PCC pleiteia para si o uso no monopólio da força na negligência da presença estatal, que só se mostra presente para violentamente atuar contra a população de baixa renda (FELTRAN, 2018, 2020).

Por meio dos *Tribunais do Crime* o comando decide como o caso será julgado. Para sua realização é necessário um conselho julgador, chamado de *Juízes do Crime*, e um integrante responsável pelo tribunal. Tudo ocorre por meio de uma teleconferência enquanto o indivíduo acusado é sequestrado e levado para uma *cantoneira* - local onde é mantido em cárcere privado -, a aplicação da pena ocorre em seguida da decisão do julgamento (MPSP, 2017). Um dos exemplos apresentados pelo inquérito policial do Ministério Público de São Paulo é o caso de um simpatizante do Comando Vermelho - gangue rival ao PCC - enquadrado por membros da organização paulista. O tribunal decide por decapitar o indivíduo, prática já realizada em

⁴ Entrevista - Jornalista com experiência e trabalho de campo sobre o PCC (11 de jun. 2020)

outros momentos pela gangue (MPSP, 2017; DIAS, DARKE, 2015). Não obstante, nem sempre a violência é o último recurso. Há casos de absolvição ou mesmo de penas mais brandas, como expulsão da favela ou pagamento de montante em dinheiro.

A estrutura organizacional apresentada pelo PCC se difere de outros grupos já estudados. Flávio Costa⁵ afirma que o grupo possui uma “gênese” própria. Desse modo, enquadrar o PCC com modelos pré-existentes é difícil, uma vez que possui peculiaridades e sistemas próprios. Estudar e compreender sua estrutura facilita um entendimento sobre o que possibilita sua expansão.

À luz da discussão teórica, no que corresponde aos três pilares de evolução de uma gangue - politização, internacionalização e sofisticação (SULLIVAN, 2008) - nota-se que o PCC ocupa um espaço considerável de desenvolvimento nos três setores. Observa-se que a gangue representa um importante papel social no que tange a politização de áreas e populações marginalizadas, como populações carcerárias e áreas marginalizados pelo Estado. Seu estatuto, os *Tribunais do Crime* e sua forma de *governança* representam um objetivo político de reivindicar direitos e questionar o monopólio do uso da força pelo Estado, mas para fins econômicos do grupo em particular. Além disso, seu alto grau de sofisticação estrutural aponta esta gangue como um objeto ímpar e refinado de estudo. Veremos na próxima seção a forte presença e organização internacional do grupo. Nota-se que o PCC se caracteriza como uma gangue transnacional, que ultrapassa fronteiras geográficas nacionais. A violência se reverbera em outros territórios e a filiação de integrantes deixa de ser apenas um fator nacional.

4.2 Internacionalização do PCC: para além dos muros brasileiros, rumo ao controle do Paraguai

O Paraguai é o 2º maior produtor de maconha do mundo. Calcula-se que 80% da droga consumida no Brasil é advinda do seu país vizinho (MANSO, DIAS, 2018). Como um facilitador para as facções criminosas, o país faz fronteira com 1.365,4 km do território nacional, pelos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul (GLOBO, 2016). Entre as fronteiras, os países dispõem de cinco cidades gêmeas - possuem mais de dois mil habitantes e dividem região de fronteira por linha fluvial ou seca -, uma das mais notáveis dentro do mundo do

⁵ Interview - Journalist with expertise and fieldwork on PCC, (19 June 2020)

crime são as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

A entrada de facções criminosas no Paraguai não iniciou com o PCC, aproveitando o caminho trilhado pelo rival Comando Vermelho, o grupo promove um processo de expansão internacional (MANSO, DIAS, 2018). Um dos principais motivadores para essa expansão é participar de todo processo produtivo, reduzindo o número de intermediários. De forma distinta à outras organizações, o PCC busca sistematizar o mundo do crime, atuando como uma agência reguladora com uma complexa estrutura, como explicado anteriormente (MANSO, DIAS, 2018).

De acordo com Bruno Manso e Camila Dias, em 2008, membros do PCC iniciam contato com “Capilo” (Antonio Carlos Caballero). Também conhecido como “Embaixador do PCC”, neste período, Capilo trabalhou como fornecedor de drogas e armamentos para a gangue brasileira e devido seu alto grau de comprometimento e interesse nas atividades da gangue, torna-se um dos primeiros membros estrangeiros a serem filiados (MANSO, DIAS, 2018). Assim, o Paraguaio começa a trabalhar para o grupo como facilitador do tráfico e chega a ser batizado como membro do PCC. Em 2009 é preso com outro integrante da gangue e reforça suas atividades de contrabando de armas e drogas para a organização criminosa. Todavia, as lideranças da irmandade notavam dificuldades no comportamento do Paraguaio, o qual lucrava em cima da venda para gangue. A importância coletiva e ideológica não parecia ser uma preocupação para Antonio Carlos Caballero, desafiando a estrutura e a lógica de funcionamento do PCC em seu Artigo 12 do estatuto da gangue, o qual afirma que todos os membros batizados devem cumprir com o Estatuto e seguir a ideologia (FELTRAN, 2018).

Como forma de controle e verificação da região paraguaia, o grupo envia filiados de confiança para o país. Nesse momento, “Teia” (Ilson Rodrigues de Oliveira) é encaminhado para o Paraguai para verificar a situação. Sua ida confirma especulações de superfaturamento de Capilo e desagrade lideranças da gangue. Reafirma-se, então, a necessidade de criar um projeto próprio de expansão liderado por membros de confiança para que se diminua a presença de intermediários.

Dessa forma, é fundamental resgatar o *salve*⁶ enviado para o comando em agosto de 2010

⁶ “Salves” são mensagens proferidas pela cúpula do PCC e funcionam como meio de comunicação interna da gangue (Manso & Dias, 2018).

sobre a expansão do PCC para região, reforçando a importância de levar a ideologia do grupo para o território paraguaio. Na mensagem afirma-se que a irmandade não busca ser dono da fronteira e sim “*dentro do que é certo, correto e justo conquistar e esperar o derramamento de sangue logo de acabe*” (MPSP, 2017). O que demonstra a predisposição da gangue em reivindicar uma posição de destaque na região, mesmo que isso fomentasse conflitos com outros grupos criminosos.

Em 2011, Teia assume cargo de responsabilidade para fortalecer a presença do PCC no país vizinho. Inquéritos policiais do Ministério Público de São Paulo transcrevem ligações de “Teia” do dia 30 de março de 2011 apontando financiamentos necessários para “*fazer o projeto andar*” (MPSP, 2013, p. 130). De acordo com as ligações telefônicas interceptadas pelo MP, calcula-se que um milhão de reais foram enviados para a fase inicial do projeto expansionista. Ainda, em outra transcrição telefônica disponibilizada pelo MPSP, pelo integrante Abel Pacheco de Andrade em maio de 2011, afirma-se que “*o propósito do PCC é expandir para o Paraguai, montar a base lá e difundir a ideologia*” (MPSP, 2017. p. 131). Assim, nota-se que o projeto expansionista para o Paraguai se torna um objetivo concreto da gangue. O suporte financeiro e envio de integrantes para região, corroboram com a importância da fronteira para a rota do narcotráfico.

Para dar continuidade ao projeto do PCC, Teia aponta a necessidade de afastar Capilo das atividades da gangue (MANZO, DIAS, 2018). As lideranças do PCC decidem, assim, desligar Antônio Carlos Caballero da organização, preservando sua vida (MANZO, DIAS, 2018). Para auxiliar Ilson Oliveira em suas atividades, outro integrante, alias Magrelo (Diego Bruno dos Santos) também é enviado para a fronteira (MANZO, DIAS, 2018).

Entretanto, Teia é assassinado durante uma operação policial. O cargo de maior responsabilidade do Paraguai torna-se de Magrelo, com auxílio de outro integrante, Tiquinho, que já comandava o tráfico de drogas na região (MANZO, DIAS, 2018). Como consequência, o projeto de expansão para o Paraguai fica estancado até 2014. O que altera essa realidade é que Fabiano Alves de Souza, conhecido como “Paca” - atuava como Sintonia Geral Final - cumpre sua pena e é posto em liberdade. A partir desse momento, Paca vai para o Paraguai retomar o projeto de expansão (MANZO, DIAS, 2018), colocando uma liderança máxima do PCC a cargo da importante tarefa de expansão da gangue para o Paraguai.

Em meados dos anos 80 e 90, na mesma região, Fahd Jamil, empresário milionário conhecido como “El Padrino”, mantinha controle da fronteira. Acusado de corrupção e envolvimento com agentes públicos, dominava o narcotráfico e vivia impune pelo seus crimes (MANSO, DIAS, 2018). Com apoio de políticos brasileiros e paraguaios, Fahd regulava comércios locais que dependiam de sua aprovação para funcionamento. Entretanto, com o avanço da presença de empresas multinacionais e grandes negócios na região, “El Padrino” perde espaço e controle territorial.

Paralelamente ao declínio de Fahd, desde os anos 90, Jorge Rafaat adentra o narcotráfico e expande gradualmente sua posição de poder na fronteira. Juntamente ao seu parceiro, “Cabeça Branca” (Luiz Carlos Rocha), fortalecem a comercialização da maconha produzida no Paraguai para o Brasil e estabelecem uma distribuição da cocaína advinda do Peru e da Bolívia. Nos anos 2000, intitula-se o “Rei da Fronteira” (FELTRAN, 2018). Instaura regras que devem ser obedecidas e passa a controlar toda fronteira, possuindo relações com diferentes facções criminosas. Com auxílio de um exército particular, composto por ex-policiais e seguranças, Rafaat comandava a região, controlando parte do comércio local e financiando corrupção de agentes públicos (MANSO, DIAS, 2018).

O crescimento do PCC e o comando do “Rei da Fronteira”, de início realizavam negociações conjuntas, contudo, com a ascensão e pretensão expansionista da organização paulista reverbera-se um atrito entre ambos. Em 2016, a disputa pela região se aflora e instauram-se embates diretos. Em junho de 2016, Rafaat é assassinado. Até então chamado de “intocável”, o Paraguaio é alvo de uma missão milionária do PCC envolvendo centenas de homens e armas utilizadas em cenários de conflito armado (FERREIRA, 2019; RIBEIRO, 2017). O vácuo de poder expressa-se na região, corroborando com o aumento de homicídios pela disputa do pelo controle da região (FELTRAN, 2018).

De acordo com noticiários, como Jornal Globo e Campo Grande News, a disputa entre facções acontece de forma agressiva na região. A presença do Primeiro Comando da Capital (PCC) e do Comando Vermelho (CV) fomentam uma guerra. A ruptura entre as facções é fortalecida após o assassinato de Jorge Rafaat, fato fortemente sentido nas cidades gêmeas e em território brasileiro (FELTRAN, 2018). Em 2018 foram registradas 30 mortes devido ao conflito pelo domínio de facções (MARUYAMA, 2018). O Superintendente da Polícia Federal, Luciano

Flores em entrevista para o jornal Globo compara a violência com os morros cariocas e aponta o temor que vivem os moradores da região de Pedro Juan Caballero (WURMEISTER, 2018).

Com o vácuo de poder após a morte do “Rei da Fronteira”, Jarvis Chimenes Pavão ascende com apoio do PCC. Pavão já trabalhava em conjunto com a irmandade desde que foi preso com Capilo em 2009 (UOL, 2016; MANSO, DIAS, 2018). Desde meados dos anos 2000 já atuava como um dos maiores distribuidores de drogas para facções nacionais. Suspeita-se que esteja envolvido, juntamente ao PCC no assassinato de Rafaat, mesmo afirmando possuir boa relação com Rafaat as autoridades o apontam como segundo suspeito (FREITAS, 2019). De acordo com investigações realizadas em 2016 e 2017, a Secretaria Nacional Antidrogas do Paraguai (Senad) estima que Pavão domine a região, abastecendo tanto o PCC quanto o CV para o tráfico de entorpecentes (KONIG, 2016).

O projeto de expansão do PCC na região mantém-se ativo e de acordo com autoridades o envio de integrantes ocorre de forma massiva para região. O PCC utiliza de diversas ferramentas para ampliar sua presença massiva no Paraguai. Para facilitar a circulação no país, a facção tem matriculado os “irmãos” em faculdades de Medicina em Pedro Juan Caballero. Um importante membro da facção, “Bebezão” foi detido e teve sua carteirinha do curso de medicina apreendida (ADORNO, 2021). Apenas em território paraguaio estima-se que 1027 detentos das seis maiores prisões do país são membros do PCC, ficando atrás apenas da facção *Clã Rotela* que está em guerra com a facção brasileira a mais de três anos (JOZINO, 2022).

Em entrevista, o Promotor Paraguaio Samuel Valdez relata que “Quando prendemos dez, vem vinte. Quando prendemos vinte, vem outros trinta” (ÉPOCA, 2017), referindo-se a presença de membros da gangue paulista no país vizinho. A filiação de paraguaios na gangue paulista é crescente. A morte de Rafaat significou um grande avanço para a expansão internacional do grupo.

Uma demonstração da forte presença da organização em solo paraguaio foi o mega-assalto realizado em 24 de abril de 2017 em *Ciudad del Este*, considerado o maior assalto da história paraguaia. A irmandade paulista roubou aproximadamente R\$120 milhões da empresa Prosegur. Para a efetuação do crime, quarenta membros do PCC com armamentos pesados invadiram a empresa e fugiram com o dinheiro, explodindo carros e propriedades durante a

fuga. Em troca de tiros com policiais, três assaltantes e um policial foram mortos (MARUYAMA, 2018).

Em janeiro de 2020, outra demonstração de força da organização ocorrer no país vizinho. No dia 19, acontece a fuga de noventa detentos do presídio de Pedro Juan Caballero. O custo dessa operação é estipulado entre R\$5 a R\$6 milhões de reais para gangue (ADORNO, GARCIA, 2020). A fuga aconteceu por meio de um túnel construído pelos detentos, o que demonstra auxílio de agentes penitenciários e corrupção do sistema público. Dentre os fugitivos, quarenta eram brasileiros e trinta e cinco paraguaios (ADORNO, GARCIA, 2020), reforçando o grande número de batizados e/ou aliados do PCC. De acordo com autoridades Paraguaia, um dos principais motivadores para a fuga era a liberação de facções para assumir cargos de responsabilidade do comércio na fronteira (ADORNO, GARCIA, 2020). Entre eles cita-se David Timoteo Ferreira e Osvaldo Rodrigo Pagiotto como possíveis lideranças em 2020.

Em outubro de 2021, o PCC é denunciado de comandar chacina no Paraguai que levou a morte 5 pessoas em 24 horas, entre as vítimas estão duas estudantes brasileiras de medicina e o vereador Farid Charbell Badaoui Afif (JOZINO, 2021; FILHO, 2021). De acordo com as investigações policiais, o alvo principal dessa chacina foi Osmar Vicente Álvarez, que foi acusado de ter cooperado com a polícia para prisão de “Bebezão” e de outros 13 membros do PCC. Além disso, poucos dias após a chacina, um policial federal paraguaio foi assassinado e seu corpo foi encontrado junto a um bilhete escrito a mão pedindo para parar com a opressão à população (FILHO, 2021). A operação policial Exílio apontou que após a montagem de um quartel-general em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero pelo PCC aumentou os níveis de violência na região. Calcula-se que mais de 174 homens compõem esse quartel, após uma operação policial encontraram um documento de responsabilizade de Bonitão/Koringa que apontada um “levantamento dos Irmãos do Paraguai” (JOZINO, 2021).

A ausência de bibliografias sobre a situação atual da fronteira do Brasil-Paraguai dificulta o mapeamento de nomes e posições de lideranças atuais nas fronteiras. Contudo, com o apoio de noticiários brasileiros e paraguaios, é possível realizar um acompanhamento da situação da gangue paulista em território internacional. Em reportagem de Luís Adorno para o Jornal Uol, Minotauro (Sérgio Arruda Quintiliano) é apontado como uma importante liderança do PCC na fronteira paraguaia, contudo desde sua prisão em fevereiro de 2019, Edson Barbosa assume

esse cargo porém também é detido, fatos que causam desestabilização na atuação do grupo na região Paraguaia.

Ainda, de acordo com a operação policial Omertá, Fahd Jamil se coloca novamente na disputa de ‘Rei da Fronteira’ (KONCHINSKI, 2020). Fora da jogada desde a ascensão de Raafat, Fahd manteve-se foragido, entretanto, após a desestabilização do PCC e sua consequente abertura da disputa pelo novo nome de chefe da região de fronteira, Jamil e seu filho Flávio Correia Jamil Georges reivindicam essa posição (KONCHINSKI, 2020). A operação Omertá está em andamento e seus coordenadores afirmam que Fahd está novamente envolvido no tráfico da região, contudo, devido ao acesso limitado aos dados de investigação detalhes da atuação na fronteira não estão disponíveis.

O que se tem evidência pelas investigações policiais, Giovanni Barbosa da Silva (Bonitão/Koringa) foi apresentado como novo líder, contudo foi preso após ser flagrado com fuzil e investigado de comando da chacina ocorrida no quartel de Fahd Jamil no final de 2020 (TAVARES, 2021). Investiga-se que Wesley Neres (Bebezão) tenha assumido o controle da região após a prisão dos outros membros da facção (ADORNO, 2021). Após a operação policial “Exílio” ser montada, encontraram documentos que indicavam outros 174 nomes de membros da facção que atuavam diretamente da fronteira Paraguai-Brasil. Os desdobramentos dessa operação indicaram “Bebezão” e “Bonitão/Koringa” enquanto líderes da região e um mandado de prisão foi decretado e em março de 2021 bebezão foi preso (JOZINO, 2021). Outro acontecimento que merece destaque é a morte de Cleber Riveros Segovia (Dogão). Ele ficou conhecido publicamente 14 de julho de 2022, após a descoberta de uma tentativa de assassinato de líderes de uma facção rival (ABC, 2022).

Como potencializador do crescimento da gangue brasileira, a globalização e a facilitação dos meios de comunicação corroboram para o fortalecimento do PCC enquanto uma gangue em expansão. Por meio de disparos em massa de “salves” e recados da cúpula organizacional, pelo uso de ferramentas como Whatsapp, o grupo tem um maior alcance de seus membros, assim como uma aceleração da disseminação da informação. Como consequência das novas formas de comunicação, as gangues – nesse caso o PCC – rompem a barreira local de atuação, visto que a propagação de informações não depende mais da distância física e sim do aparato tecnológico, permitindo uma atuação interestadual e internacional (SULLIVAN, 2008).

Os dados levantados possibilitam caracterizar o PCC enquanto uma gangue transnacional, uma vez que o grupo apresenta características elencadas como essenciais e se propõe dominar cada vez mais territórios. Diante do exposto, é comprovada a atuação do PCC em pelo menos quatro países da região sulamericana - Brasil, Paraguai, Colômbia e Bolívia (MANSO, DIAS, 2018). Nesses territórios, como foi exemplificado pelo caso do Paraguai, a gangue possui uma organização com tentáculos fora da extensão nacional, dispondo de sintonias próprias para questões internacionais. Dessa forma, é possível afirmar que o PCC fomenta o mercado ilícito dentro e fora do território nacional, exercendo suas práticas de forma transfronteiriça. Assim, é factível coadunar a conceituação de gangue transnacional com a atuação do PCC.

Outro pilar fundamental para a classificação de gangue transnacional é no que tange ao desenvolvimento de objetivos políticos. É notável analisar o trabalho do PCC em enfraquecer a capacidade do governo nas regiões em que o grupo possui uma atuação mais forte. As práticas de governança alternativa e dos tribunais do crime desafiam a legitimidade estatal, reforçando o desgaste dos sistemas políticos e descentralizando a capacidade do governo. Penetrando as entranhas da estrutura política e por meio da corrupção, a gangue se estabelece enquanto um ator social ativo e com objetivos políticos palpáveis, acordando, assim, com o conceito de gangue transnacional.

Dessa forma, é possível convergir as atividades do PCC às práticas de uma gangue transnacional, haja vista que o grupo abandona o caráter único de crime localizado e adentra-se em um alto grau de sofisticação e politização, desafiando as autoridades estatais e alcançando territórios e mercados além do nacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do escopo analítico sobre o funcionamento e potencialidades do PCC, é importante reiterar a fala de Bruno Manso no documentário produzido pela Uol, o qual afirma que o PCC é o “efeito colateral do sistema” (MANSO, 2019). A expansão e crescimento do grupo são consequências diretas de um sistema carcerário falho e de um superlotamento. A ideologia da organização criminosa denuncia essa formato e além de proteção e garantias financeiras, recruta integrantes por meio de um discurso simbólico contra a opressão.

Ainda mais, a insistência em políticas ineficazes de combate às drogas e ao crime organizado

potencializam ainda mais a gangue. O ciclo de violência se reproduz. Como consequência das violências estruturais, culturais e diretas conceituadas da nossa sociedade o crime organizado torna-se uma alternativa de sobrevivência. Combater a violência policial enfrentada nas periferias brasileiras é um anseio da gangue, mesmo que não sobreponha a busca pelo lucro. Nota-se, no entanto, um desvio: não se combate a violência, se fortalece. Compreende-se, então, que o papel exercido pelo Estado Brasileiro fomenta a criminalidade e permite seu fortalecimento, como apontam os próprios integrantes da gangue “*o sistema é uma máquina de fazer PCC*” (MPSP, 2017).

Ainda, aproveitando-se das fragilidades fronteiriças sulamericanas, o grupo se expande e sua presença torna-se massiva em países vizinhos. O crime transnacional corrobora para a mitigação dos sistemas políticos e sociais, o mercado ilegal fomenta práticas de corrupção e manipulação de órgãos políticos, a potencialidade de enfraquecimento da máquina estatal é latente (SULLIVAN, BUNKER, 2002). Os impactos sociais que reverberam da criminalidade transfronteiriça afetam a soberania estatal e legitima o uso da violência por outras organizações que não o Estado.

REFERÊNCIAS

ABC COLOR. “Eliminan en Brasil al”patrón” de la frontera paraguaya brasileña”. **ABC Digital**, 28 de out. de 2022. Disponível em:

<<https://www.abc.com.py/policiales/2022/10/28/eliminan-en-brasil-al-patron-de-la-frontera-paraguaya-brasileña/>>. Acesso em 25 de nov. de 2022.

ADORNO, Luís; COSTA, Flávio; MILITÃO, Eduardo. Expertise em lavagem de dinheiro é o que falta para PCC virar máfia. **Uol**: 21 de nov. de 2019. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/21/expertise-em-lavagem-de-dinheiro-e-o-que-falta-para-pcc-virar-mafia.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>. Acesso em: 24 de jul. de 2020.

ADORNO, Luís; GARCIA, Marina. Fuga de 75 presos custou mais de R\$6 milhões ao PCC, diz polícia paraguaia. **Uol**: Ponta Porã, 05 de fev. de 2020. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/02/05/pcc-gastou-ao-menos-u-15-mi-para-tirar-membros-de-presidio-no-paraguai.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>. Acesso em 20 de jul. de 2020.

ADORNO, Luís. Líder do PCC na fronteira com Paraguai e Marcola tomam banho de sol junto. **Uol**: São Paulo, 26 de mar. de 2020. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/26/marcola-e-minotauro-juntos-em-brasil.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

ADORNO, Luís. “PCC matricula membros em faculdade no Paraguai como disfarce, diz polícia. **Uol**: 24 de mar. 2021. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/03/24/membros-do-pcc-se-matriculam-em-faculdade-de-medicina-no-paraguai.htm>>. Acesso em 20 de nov. de 2022.

ALMEIDA, Rodolfo e Daniel Mariani. Qual o perfil da população carcerária brasileira. **Nexo Jornal**, 18 jan. de 2017. Disponível

em:<<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/01/18/Qual-o-perfil-da-popula%C3%A7%C3%A3o-carcer%C3%A1ria-brasileira>>. Acesso em: 18 de jun. de 2020.

ALVARADO, Nathalie; MUGGAH, Robert. **Crimen y violencia**: un obstáculo para el desarrollo de las ciudades de América Latina y el Caribe. Banco Interamericano de Desenvolvimento e Instituto Igarapé: novembro, 2018. Disponível em:

<<https://publications.iadb.org/publications/spanish/document/Crimen-y-violencia-Un-obstaculo-para-el-desarrollo-de-las-ciudades-de-America-Latina-y-el-Caribe.pdf>>. Acesso em: 22 de jun. de 2020.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. CNJ registra pelo menos 812 mil presos no país 41,5% não tem condenação. **Globo**, Brasília, 17 jul. de 2019. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/17/cnj-registra-pelo-menos-812-mil-presos-no-pais-415percent-nao-tem-condenacao.ghtml>>. Acesso em: 03 de nov. de 2019.

BATISTA, A; BURGOS, M. Gangs. I. **Encyclopedia of Gangs**. Westport: Greenwood Press, p. 15-20. n: Kontos, L. Brotherton, D., 2008.

BBC. “Por que o Paraguai é estratégico para o PCC?” **BBC**, 20 de jan. de 2020 Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51178478>>. Acesso em 23 de jul. de 2020.

BIATO, Marcel. **O Processo de Paz Peru-Ecuador**. Itamaraty. Disponível em <<http://www.itamaraty.gov.br/images/Acordo-Paz-Peru-Ecuador/Artigo-Embaixador-PT-Completo.pdf>> Acesso em: 23 de jul. de 2020.

COSTA, Flávio; ADORNO, Luis. Aquele que é excluído entra para o “livro negro” de facção criminosa. **UOL**, São Paulo, 31 de jul. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/07/31/com-ou-sem-retorno-as-regras-e-as-consequencias-estabelecidas-pelo-pcc-na-exclusao-de-um-integrante.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>. Acesso em: 15 de jul. de 2020.

DIAS, Camila; DARKE, Sacha. Crime, Law and Social Change. **Springer**, v. 63. n 5. Ago., 2015.

El País. . “O PCC hoje é uma pré-máfia”. São Paulo, 07 de agosto de 2004. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/07/politica/1407421840_758721.html>. Acesso em 24 de jul. de 2020).

FELTRAN, Gabriel. **Irmãos: Uma história do PCC**. Editora Companhia das Letras, 2018.

FELTRAN, Gabriel. **The Entangled City: Crime as Urban Fabric**. Manchester Univ. Press, 2020.

FERREIRA, Marcos Alan SV. Brazilian criminal organizations as transnational violent non-state actors: a case study of the Primeiro Comando da Capital (PCC). **Trends in Organized Crime**, p. 1-18, 2018.

FERREIRA, Marcos Alan SV.; GONÇALVES; Anna Beatriz. Criminal governance and systems of parallel justice: Practice and implications in Brazilian urban peripheries. **International Journal of Law, Crime and Justice**, v. 68, n. , p. 1-12, 2022.

FILHO, Herculano Barreto. “O que se sabe sobre a ligação entre o PCC e a chacina no Paraguaias”. **Uol**, 13 de out. de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/10/13/pcc-mortes-paraguai.htm>>. Acesso em 25 de nov. de 2022.

FRANCO, Celinda. "The MS 13 and 18th Street Gangs: Emerging Transnational Gang Threats?." **Congressional Research Service**, Library of Congress, 2007.

FREITAS, Ricardo. De Rafaat a Minotauro, entenda a guerra pelo tráfico na fronteira entre Brasil e Paraguai. **Globo**, Mato Grosso do Sul, 08 de fev. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2019/02/08/de-rafaat-a-minotauro-entenda>>

[-a-guerra-pelo-trafico-na-fronteira-entre-brasil-e-paraguai.ghml>](#). Acesso em: 18 de jul. de 2020.

GALTUNG, Johan. Violence, peace, and peace research. **Journal of peace research**, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

GALTUNG, Johan. Cultural Violence. **Journal of Peace Research**, v. 27, n. 3, p. 291- 305, 1990.

HAGERDORN, J.. “The Global Impact of Gangs”. **Journal of Contemporary Criminal Justice**, v. 21, n. 2, p. 153-169, 2005.

HAUK, Pierra; PETERKE, Sven. Organized crime and gang violence in national and international law. **International Review of the Red Cross**, v. 92, n. 878, p. 407-436, 2010

JASPERS, J. “Business cartels and organized crime: exclusive and inclusive systems of collusion”. **Trends in Organized Crime**, p. 1-19, 2018.

JOZINO, Josmar. **Cobras e lagartos: a verdadeira história do PCC**. 2 ed. São Paulo: Via Leitura, 2017.

JOZINO, Josmar. “Justiça Federal em MS condena chefe do PCC no Paraguai a 33 anos de prisão”. **Uol**, 10 de set. de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/josmar-jozino/2021/09/10/justica-federal-de-ms-condena-cheefe-do-pcc-no-paraguai-a-33-anos-de-prisao.htm>>. Acesso em 24 de nov de 2022.

JOZINO, Josmar. “Paraguai diz abrigar 1;027 membros do PCC em prisões do país”. **Uol**, 29 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/josmar-jozino/2022/07/29/prisoos-do-paraguai-abrigam-1027-detentos-do-pcc-dizem-autoridades-locais.htm>>. Acesso em 24 de nov. de 2022.

JOZINO, Josmar. “Polícia apura se o PCC está por trás de chacina em Pedro Juan Caballero”. **Uol**, 09 de out. de 2021. <<https://noticias.uol.com.br/colunas/josmar-jozino/2021/10/09/policia-apura-se-o-pcc-esta-por-tras-de-chacina-em-pedro-juan-caballero.htm>> Acesso em 25 de nov. de 2022.

KONCHINSKI, V. “‘Rei da Fronteira’ volta a atuar e se opõe ao PCC em rota ao Paraguai, diz MP”. **Uol**, 14 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/14/rei-da-fronteira-brasil-paraguai-pcc.htm>> Acesso em 25 de set. de 2020.

KONIG, Mauri. Guerra na fronteira do Brasil com Paraguai muda o controle da droga. **Uol**, 07 de jul. de 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://temas.folha.uol.com.br/guerra-na-fronteira/guerra-na-fronteira-do-brasil-com-o-paraguai-muda-controle-da-droga.shtml?affiliate=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>>. Acesso em: 18 de ju. de 2020.

LESSING, Benjamin. Conceptualizing Criminal Governance. **Perspectives on Politics**, 1-20,

2020.

LISSARDY, G. “Por que a América Latina é a região mais violenta do mundo”. **BBC**. 21 de jul. de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48988559>
Acesso em: 29 de set. 2020.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. **A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2018.

MARUYAMA, Alysson. Com 30 execuções em 2018, guerra pelo tráfico na fronteira de MS com Paraguai assusta moradores. **Globo**, Mato Grosso do Sul, 10 de dez. de 2018. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2018/12/10/com-30-execucoes-em-2018-fronteira-de-ms-e-comparada-a-morro-carioca-em-guerra-por-dominio-do-trafico.ghtml>>.
Acesso em: 18 de jul. de 2020.

MÉNDEZ, María José. "The violence work of transnational gangs in Central America" **Third World Quarterly**. 40.2: 373-388, 2019.

MISSE, M. et al. **Quando a polícia mata: homicídio por “autos de resistência” no Rio de Janeiro (2001-2011)**. Rio de Janeiro: Booklink, 2013.

MPSP (Ministério Público do Estado de São Paulo), Polícia Civil do Estado de São Paulo. **Operação Interestadual Echelon**, vol. 19, nº087/2.017, Presidente Venceslau, 2017.

MPSP (Ministério Público do Estado de São Paulo), Polícia Civil do Estado de São Paulo. **Operação Interestadual Echelon**, vol. 20, nº087/2.017, Presidente Venceslau, 2017.

O GLOBO. “Mato Grosso do Sul tem sete cidades gêmeas na fronteira aponta portaria” *O Globo*, 20 de jul. de 2016. Disponível em: Available at:
<<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2016/07/mato-grosso-do-sul-tem-sete-cidades-gemeas-na-fronteira-aponta-portaria.html>>. Acesso em 18 de jul. de 2020.

PAGNAN, Rogério; Marques José. Facção de São Paulo é suspeita de atuar em mega-assalto “inédito” no Paraguai. **Folha de São Paulo**: 24 de abril de 2017. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1878226-facciao-de-sp-e-suspeita-de-atuar-em-mega-assalto-inedito-no-paraguai.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996#:~:text=A%20Pol%C3%ADcia%20Civil%20de%20S%C3%A3o,assalto%20da%20hist%C3%B3ria%20do%20Paraguai.&text=Na%20persegui%C3%A7%C3%A3o%20aos%20bandidos%20logo,um%20policial%20paraguaio%20foi%20morto.>. Acesso em: 17 de jul. de 2020.

PÉREZ, Fabiola. PCC cria nova geografia e divide país em quatro territórios dominados. **R7 News**, 27 de agosto de 2018. Disponível em:
<https://noticias.r7.com/sao-paulo/pcc-cria-nova-geografia-e-divide-pais-em-quatro-territorios-dominados-28072018>. Acesso em 03 out. 2020.

PRIMEIRO Cartel da Capital. Direção: João Wainer. São Paulo: Uol, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/mov/reportagens-especiais/pcc.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>. Acesso em: 10 de jul. de 2020.

RAMSBOTHAM, O., et al. **Contemporary Conflict Resolution**. Cambridge: Polity, 2005, p. 3-31. Disponível em: <<http://www.polity.co.uk/ccr/contents/chapters/1.pdf>>. Acesso em: 23 de ju. de 2020.

RIBEIRO, Aline. Mega-assalto no Paraguai tem a marca de facção brasileira. **Época**, 24 de abril de 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/04/mega-assalto-no-paraguai-pode-ter-ligacao-com-facciao-brasileira.html>>. Acesso em: 17 de jul. de 2020.

RIBEIRO, Aline; CORRÊA, Hudson. O violento plano de expansão no Paraguai da maior facção brasileira. **Época**, 26 de jun. de 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/06/o-violento-plano-de-expansao-no-paraguai-da-maior-facciao-brasileira.html>>. Acesso em: 17 de jul. de 2020.

SALKIND, N.J. **Encyclopedia of research design**, SAGE Publications, Inc., Thousand Oaks, CA, 2010.

SCHEPER-HUGLES, Nancy. **Death squads and vigilante politics in democratic Northeast Brazil**. In: Violence at the urban margins, edited by Javier Auyero, Philippe Bourgois, and Nancy Scheper-Hughes. Oxford, New York: Oxford University Press, pp. 266-304, 2015

SCHWARCZ, Lilian. M. **Raízes do autoritarismo brasileiro**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

SKARBEEK, David. Governance and prison gangs. **American Political Science Review**, v, 105, n. 4, p. 702-716, 2011.

SULLIVAN, John; BUNKER, Robert. “Drug Cartels, Street Gangs, and Warlords”. **Small Wars E Insurgencies**, v. 13, n. 2, p. 40-53, 2002.

SULLIVAN, John. “Transnational gangs: The impact of third generation gangs in Central America”. **Air & Space Power Journal**, 2: 2-10, 2018.

TAVARES, Ana L. “Bonitão do PCC” é condenado a 35 anos de prisão pela Justiça Brasileira. **Campo Grande News**, 08 de nov de 2021. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/bonitao-do-pcc-e-condenado-a-35-anos-de-prisao-pela-justica-brasileira>>. Acesso em: 24 de nov. de 2021.

Ultima Hora. “Alerta en frontera ante peligro por posible ingreso de delincuentes fugados en Brasil”. 06 de jul, de 2020, Disponível em: <https://www.ultimahora.com/alerta-frontera-peligro-posible-ingreso-delincuentes-fugados-brasil-n2893654.html>. Acesso em: 19 jul. de 2020.

UNITESD NATION, . **United Nations Convention against Transnational Crime and the**

Protocols Thereto. UNODC, Vienna, 2000.

WILLIAMS, Phil. Violent non-state actors and national and international security. **International Relations and Security Network**, v. 25, 2008.

WURMEISTER, Fabiula. Um ano depois do mega-assalto à Prosegur no Paraguai, 12 suspeitos estão presos. **Globo:** Foz do Iguaçu, 24 de abril de 2018. Disponível em< <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/um-ano-depois-do-mega-assalto-a-prosegur-12-suspeitos-estao-presos.ghtml>>. Acesso em: 18 de jul. de 2020.

ZABYELINA, Yuliya. Transnational Organized Crime in International Relations. **Central European Journal of International & Security Studies**. Praga: vol. 3, 2009.